II ENEHISP

CADERNO DE RESUMOS

Simpósio Temático 1

ST1 PROVINCIANOS, MARGINALIZADOS, FRACASSADOS, ESQUECIDOS:

a História Intelectual e seus limites

COORDENADO POR

Fláuio Weinstein Teixeira
Plauto Daniel Santos Alues

PPGH Unimontes
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

LAPPS ufjf
LABORATÓRIO DE HISTÓRIA POLÍTICA E SOCIAL

Grupo de Estudos e Pesquisa do Pensamento Autoritário



CRONOGRAMA DE APRESENTAÇÕES

PROVINCIANOS, MARGINALIZADOS, FRACASSADOS, ESQUECIDOS:

a História Intelectual e seus limites

9 DE OUTUBRO DAS 14H ÀS 18H | GOOGLE MEET

COORDENAÇÃO

Flávio Weinstein Teixeira
Doutor em História, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). flavio.teixeira@ufpe.br

Plauto Daniel Santos Alves
Doutorando em História, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). plautosalves@gmail.com

SESSÃO ÚNICA

9 de outubro, das 14h às 18h

ORDEM	TÍTULO DO TRABALHO	HORÁRIO
1	Contra a indústria da seca e pelas Ligas Camponesas: a intelectualidade engajada de Antonio Callado nas reportagens sobre o Nordeste (1959)	14h10
2	Abigail Adams: gênero, cartas e revolução (1774-1776)	14h25
3	Paisagens grizianas: história ambiental a partir da obra de Jayme Griz em oposição a José Lins do Rego e Gilberto Freyre	14h40
4	Quem lembra das mulheres que escreveram: Nísia Floresta e a memória da educação feminina	14h55
5	Da província à região: o CLÃ (re)conta a História da Literatura Cearense (1940-1980)	15h10
6	A primavera da "verdadeira democracia": Henry Maksoud e a difusão do neoliberalismo na esfera pública brasileira na redemocratização (1978-1988)	15h25
7	Antônio Conselheiro e os limites da intelectualidade: escrita, pensamento e ação no sertão	15h40
8	Deolinda Rodrigues: protagonismo e marginalização de uma intelectual e guerrilheira na luta anticolonial de Angola (1939-1967)	15h55
9	O médico e o monstro: Renato Kehl e suas interpretações sobre o alcoolismo	16h15
10	Filologia, trabalho e raça: a trajetória intelectual de Francellino de Andrade na Bahia republicana	16h30
11	Arquitetar um Estado através de memórias: os escritos políticos de Toussaint L'Ouverture e Boisrond-Tonnerre como narrativas que "serviram à história do Haiti" (1802-1804)	16h45
12	A anarquista Emma Goldman, uma intelectual marginal	17h00
13	Nas entrelinhas da intelectualidade piauiense: trajetórias, espaços intelectuais e produção escriturística no Piauí dos anos 1950	17h15
14	A luz da estatística: pensando o Ensaio Demográfico de Jeronimo Martiniano Figueira de Mello para Pernambuco (1852)	17h30
15	Representar para conter: viajantes e a produção de saberes sobre a população negra no Brasil oitocentista	17h45

Da província à região:
o CLÃ (re)conta a História da Literatura Cearense (1940-1980)

Plauto Daniel Santos Alves [1]

Essa comunicação discute como determinados argumentos, além de um vocabulário característico e de certas maneiras de falar próprias ao linguajar de um punhado de escritores atuantes na cidade de Fortaleza/CE e geralmente designados como grupo CLÃ, se deslocaram da cena literária para o universo acadêmico, consolidando-se em meio a uma coleção de narrativas geralmente designada através da expressão História da Literatura Cearense. Estabelece-se como hipótese que essa mudança contextual cuja passagem aconteceu durante um longo período de mais ou menos quatro décadas (1940-1980), suscitou modificações nos significados evocados por esse linguajar, deslocando seus sentidos de um eixo provincionalizador, isto é, voltado para um projeto de tom nacional em que se buscava articular letrados de diversos estados do Brasil a fim de reforçar uma suposta experiência comum, para um tom mais regionalizado em que se assinalam características ligadas a uma certa noção de cearensidade. Para entender como se deu essa transição, analisam-se compêndios de História da Literatura Cearense, periódicos, obras literárias e entrevistas cedidas pelo grupo em questão. Como conclusões, ainda provisórias e incompletas é possível assinalar a centralidade de práticas de mediação cultural geralmente colocadas em segundo plano, como a crítica literária e a atividade editorial; a necessidade de pensar redes intelectuais que vão além do rol de nomes geralmente associados ao grupo CLÃ e o papel naturalizador exercido por narrativas, em regra, atreladas à História da Literatura Cearense que tratam os processos históricos da cultura local como uma eterna sucessão de associações e grêmios letrados.

Palavras-chave: História da Literatura Cearense; Grupo CLÃ; Linguagens políticas.

[1] Coordenador do ST1. Doutorando, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). plautosalves@gmail.com

Contra a indústria da seca e pelas Ligas Camponesas:
a intelectualidade engajada de Antonio Callado nas reportagens sobre o Nordeste (1959)

João Emanoel Lima de Oliveira [2]

Este trabalho propõe analisar a atuação do jornalista e literato, Antonio Callado, a partir da série jornalística, composta de 10 reportagens, que assinou no Jornal Correio da Manhã do Rio de Janeiro entre os dias 10 e 23 de setembro de 1959, onde apontava a "indústria da seca", no Ceará e na Paraíba, e as Ligas Camponesas de Pernambuco, como os principais sintomas da turbulência social pela qual passava a região Nordeste do Brasil ao final da década de 50. Este trabalho descreve o posicionamento de Antonio Callado enquanto um intelectual que aspirava intervir, por meio do jornalismo de opinião, no campo político e no debate público. Para tanto, aborda-se aqui os itens principais daquela série e a repercussão das reportagens em fontes jornalísticas e nos Anais do Congresso Nacional no ano de 1959, problematizando a atuação de Callado a partir das perspectivas de autores como Enzo Traverso (2014), Edward W. Said (2000) e Carlos Altamirano (2007) sobre o papel do intelectual, visando construir para si a imagem de intelectual engajado. A título de conclusão destas análises, pretende este trabalho propor que a série jornalística e a atuação de Antonio Callado como intelectual contribuíram para a efetivação de dois momentos importantes históricos relacionados à questão agrária no Nordeste, acontecidos logo após a publicação de suas reportagens naquele ano de 1959: a criação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) em dezembro daquele ano e a sanção da lei que autorizou a desapropriação do Engenho Galileia, em Pernambuco, em fevereiro de 1960.

Palavras-chave: Antonio Callado, Intelectual, Engajado.

[2] Mestrando, Universidade Federal do Ceará (UFC). profjoaoemanoelhistoria@gmail.com

Abigail Adams:
gênero, cartas e revolução (1774-1776)

Thais Nelson Migliorini Mena [3]

Abigail e John Adams foram figuras importantes no cenário da Revolução Americana, mas cada um com papel bem diferente do outro. John Adams, sendo homem, foi um líder revolucionário ativo em suas atividades políticas enquanto sua esposa permanecia na esfera doméstica. Embora as suas ações fossem limitadas enquanto mulher, Abigail usa de cartas para se comunicar com o marido nos períodos em que ele estava viajando pela causa revolucionária. Essas cartas tem conteúdos que vão desde amenidades do dia-a-dia como importante troca de informações dos acontecimentos da região em que se encontrava. Este projeto tem como principal objetivo analisar as cartas escritas e entender como ou se elas deram voz a uma personagem histórica que podia facilmente ser anulada pela condição de ser mulher.

Palavras-chave: Revolução Americana; história política; história da mulher

[3] Mestranda, Universidade Estadual Paulista (UNESP). thais.mena@unesp.br

Paisagens grizianas:
história ambiental a partir da obra de Jayme Griz em oposição a José Lins do Rego e Gilberto Freyre

Lucas José da Silva [4]

Esta comunicação objetiva analisar a obra do escritor Jayme Griz (Palmares, 1900 - Recife, 1981) por meio da perspectiva da história ambiental. Compreende-se que os trabalhos do autor são marcados por uma visão profundamente multiespécie, que via o mundo açucareiro de forma integrada, isto é, dotada de certo grau de horizontalidade entre seres humanos, não humanos naturais e sobrenaturais. Distingue-se, assim, das concepções antropocentradas de José Lins do Rego e de Gilberto Freyre, autores aos quais contrastarei a percepção da relação sociedade-natureza às de Jayme Griz. Não os escolhi por acaso, o primeiro por se tratar de um escritor amplamente conhecido que também narrou o mundo açucareiro, em especial nos seus seis livros conhecidos como "O ciclo da Cana-de-Açúcar". O segundo, por sua vez, tem ampla capilaridade em diversas áreas do conhecimento, assim como guarda similaridade com Jayme Griz por ter escrito sobre elementos fantásticos. Não apenas isso, suas principais contribuições são para o campo da sociologia, com interpretações sobre os processos que teriam levado o Brasil ao que é hoje. Griz também não se limitou à escrita literária, mas dedicou-se a investigações sociológicas sobre o mundo do açúcar com seus ensaios. Este trabalhão se trata, então, de uma história comparativa meio da literatura em estreita conexão com a história ambiental. Soma-se a isso a perspectiva da ecologia decolonial, pensada por Malcom Ferdinand. Nela, compreende-se que a modernidade causou rupturas nas categorias ambientais (humanos superiores à natureza), de gênero (homens superiores às mulheres) e de raça (brancos superiores aos negros). Busco analisar como essas relações também estou presentes na obra de Griz. Seja como um enfrentamento a essas fraturas seja como conformidade.

Palavras-chave: História ambiental; Literatura; Jayme Griz.

[4] Mestrando, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). lucas.jsilva6@ufpe.br

Quem lembra das mulheres que escreveram:
Nísia Floresta e a memória da educação feminina

Maria Tereza Silva Costa [5]

Introdução: No período imperial brasileiro, a educação feminina era marcada por restrições que limitavam a participação das mulheres na sociedade e na produção literária. A formação destinada às meninas priorizava leitura, escrita, trabalhos manuais, fé e moral cristã, restringindo o acesso ao conhecimento e à atuação intelectual. Segundo relatos de ministros do Império, muitos pais não consideravam essencial que suas filhas aprendessem a ler, escrever ou dominassem conhecimentos matemáticos. Apesar dessas limitações, diários e correspondências permitem acessar experiências femininas e evidenciam mulheres como agentes de suas próprias memórias. A escrita possibilitou a passagem do espaço privado para o público, especialmente por meio da imprensa. Após 1808, a circulação de ideias e publicações favoreceu a produção literária, com romances e folhetins alcançando novos leitores. A participação feminina nos periódicos revela a ocupação gradual de espaços de escrita e produção intelectual. Como afirma Souto, "a ausência das mulheres nos espaços intelectualizados não é um fato, mas sim, uma construção histórica pautada nas opressões de gênero" (p. 8). Nesse cenário, romances e folhetins ampliaram as práticas de leitura e contribuíram para questionar papéis atribuídos às mulheres. Destaca-se Nísia Floresta, escritora, educadora e intelectual brasileira do século XIX, cuja atuação em defesa da educação feminina deve ser compreendida a partir das condições históricas de seu tempo. Ao defender uma educação mais ampla, Nísia respondia às desigualdades de seu presente e utilizava a escrita para questionar papéis sociais e reivindicar novas possibilidades de participação. A partir da década de 1830, sua presença na imprensa permitiu ocupar um espaço de debate público predominantemente masculino. Sua trajetória também evidencia o apagamento histórico e a valorização da perspectiva masculina na memória coletiva.

Palavras-chave: Historia das Mulheres; Brasil Império; Produção Intelecual Feminina.

[5] Discente, Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). m.terezacosta8@gmail.com

A primavera da "verdadeira democracia":
Henry Maksoud e a difusão do neoliberalismo na esfera pública brasileira na redemocratização (1978-1988)

Rhian Santos Silva [6]

Esta pesquisa busca compreender a atuação do empresário Henry Maksoud (1929-2014) como um intelectual mediador na propagação do pensamento neoliberal durante a redemocratização brasileira, a partir do uso de mecanismos de difusão de ideias na esfera pública. Por meio da análise de seus trabalhos publicados pela Editora Visão, da qual é proprietário, este estudo visa entender como o trabalho do autor estudado foi modificado à luz das exigências constitucionais do país. A hipótese estudada é a de que Henry Maksoud, em uma esfera pública politizada pelo processo de redemocratização, fez uso das discussões constitucionais, do cenário político favorável ao debate de ideias e das ferramentas de propagação de discursos para a difusão do neoliberalismo, ainda fora da hegemonia que passaria a ter na década seguinte. A esfera pública torna-se mais uma das arenas políticas que influenciaram as decisões do país, e Maksoud a utilizava para compartilhar suas ideias.

Por meio da análise discursiva de suas publicações na Editora Visão entre o período abordado – desde livros escritos pelo autor até coletâneas de editoriais e artigos publicados em sua revista – explicitam-se as apropriações da doutrina de Hayek para as principais pautas que circulavam nos espaços de discussão pública. Apesar da predominância de congruências entre as propostas dos autores, identificam-se reapropriações, alterando as propostas iniciais de Hayek e adaptando-as às características nacionais. Já entre as estratégias de mediação identificadas, encontram-se o financiamento das viagens de Hayek ao país, a manutenção de seu investimento na Editora Visão e na tradução de obras estrangeiras, e a liberação do espaço das revistas para autores liberais divulgarem suas ideias.

Fazendo uso de conceitos como hegemonia, de Gramsci, intelectual mediador, de Ângela de Castro Gomes, e esfera pública, de Jürgen Habermas, analisa-se essa difusão do neoliberalismo nos espaços públicos expondo como Henry Maksoud possuía uma complexidade de pensamento que deve ser levada em consideração. Enquadra-se desse modo o empresário como um intelectual mediador do neoliberalismo no Brasil, identificando na análise que o empresário selecionou, adaptou, publicou e inseriu essas ideias nos debates políticos. Entende-se, por fim, que a inserção do neoliberalismo no país passou por agentes privados que acreditavam em seus ideais, obtendo êxito ou fracassando na busca por uma hegemonia política que não estava previamente definida.

Palavras-chave: Henry Maksoud; Neoliberalismo; Intelectual mediador.

[6] Bacharel em História, FFLCH/Universidade de São Paulo (USP). rhiansilva@usp.br

Antônio Conselheiro e os limites da intelectualidade:
escrita, pensamento e ação no sertão

Letícia Queiroz Silva [7]

Antônio Conselheiro constitui uma das figuras centrais da história de Canudos e da experiência social e religiosa do sertão brasileiro no final do século XIX. Sua trajetória esteve marcada pela atuação religiosa, pela liderança exercida sobre os sertanejos e pela formação da comunidade de Belo Monte. Este trabalho propõe analisar Antônio Conselheiro a partir de sua produção escrita, buscando compreender como suas experiências, conhecimentos e interpretações da realidade se articulavam à sua atuação histórica. Para isso, foi analisado o manuscrito Tempestades que se levantam no Coração de Maria por ocasião do mistério da Anunciação (1897), em que o autor formula críticas ao novo regime e aborda questões relacionadas à religião, à política e à organização da sociedade. O manuscrito reúne, além das reflexões religiosas, comentários sobre acontecimentos políticos e sociais de seu tempo, possibilitando analisar a maneira como Conselheiro interpretava as transformações vivenciadas no sertão. A pesquisa também dialoga com a historiografia dedicada a Canudos e ao líder de Belo Monte, considerando as diferentes interpretações construídas sobre sua trajetória e, particularmente, sobre seus escritos. Nesse sentido, busca-se entender como escrita, pensamento e ação se articulavam em sua experiência histórica, considerando sua produção intelectual em relação às condições sociais, culturais e religiosas do sertão. O trabalho parte da perspectiva de que a dimensão intelectual de Conselheiro não deve ser dissociada de sua atuação religiosa, mas compreendida justamente na articulação entre suas crenças, suas experiências e sua interpretação da realidade. Assim, busca-se contribuir para a discussão sobre os limites da intelectualidade e sobre as possibilidades de entender as formas de produção de pensamento constituídas fora dos espaços tradicionalmente associados à figura do intelectual.

Palavras-chave: Antônio Conselheiro; Guerra de Canudos; intelectualidade sertaneja.

[7] Mestra e doutoranda em História, Universidade Federal de Goiás (UFG). leticiaqueirozs2000@gmail.com

Deolinda Rodrigues:
protagonismo e marginalização de uma intelectual e guerrilheira na luta anticolonial de Angola (1939-1967)

Débora de Abreu Alves[8]

Este trabalho analisa a trajetória e a produção escrita de Deolinda Rodrigues, intelectual negra, poetisa, guerrilheira do MPLA e fundadora da Organização da Mulher Angolana (OMA) , cuja trajetória e obra foram historicamente marginalizadas pela historiografia hegemônica que priorizou narrativas masculinas exaltando figuras como Agostinho Neto (MPLA), Holden Roberto (FNLA) e Jonas Savimbi (UNITA). Situada no período de (1939-1967) essa pesquisa toma como fontes primárias suas obras publicadas postumamente, “Diário de um exílio sem regresso (2003) e Cartas de Langidila e outros documentos (2004), examinando como sua escrita articula gênero, raça, subjetividade e resistência, constituindo-se como prática intelectual insurgente contra o colonialismo português e o patriarcado. Deolinda ocupou postos de liderança até então nunca ocupado por mulheres dentro do movimento de libertação,tendo atuado na linha de frente do campo de batalha no comando do Esquadrão Kamy e no movimento literário angolano produzindo poesias que falavam sobre pertencimento e convocavam o povo à luta. Além disso, seu diário publicado postumamente, denunciava tanto a dominação colonial quanto as hierarquias de gênero presentes no próprio movimento revolucionário. Como destaca Margarida Paredes (2015), as mulheres na luta de libertação angolana precisavam "combater duas vezes". O trabalho argumenta que a escrita de Deolinda não é apenas registro pessoal, mas produção de conhecimento que desafia os paradigmas eurocêntricos e androcêntricos da história intelectual . Ao reivindicar o lugar de mulher negra como sujeito produtor de saber e protagonista da história, sua obra insubmissa rompe com a invisibilização que relegou mulheres africanas à periferia da narrativa histórica. Tenciona evidenciar como uma mulher intelectual e guerrilheira foi sistematicamente marginalizada pelos critérios hegemônicos de reconhecimento intelectual mesmo combinando produção teórica, ação política e engajamento revolucionário.

Recuperar sua trajetória e sua escrita é, portanto, um exercício de justiça histórica e de redefinição dos sujeitos reconhecidos como produtores de conhecimento.

Palavras-chave: Deolinda Rodrigues; intelectual; marginalização. Luta anticolonial

[8] Graduada em História e mestranda em História, Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). abreudebora619@gmail.com

O médico e o monstro:
Renato Kehl e suas interpretações sobre o alcoolismo

Arthur Luis de Vasconcelos da Costa [9]

Renato Kehl foi o mais importante intelectual do movimento eugênico brasileiro na primeira metade do século XX, atuando como organizador de congressos, autor de uma vasta obra e fundador do Boletim de Eugenia (1929-1933), periódico que serviu como principal tribuna do projeto de regeneração racial no país. Apesar de sua centralidade no debate nacional, a historiografia internacional frequentemente o relegou a uma posição periférica no cenário global da eugenia. Esta comunicação parte do problema de como Kehl, a partir dessa posição ambígua — protagonista no Brasil, mas marginalizado nos grandes centros científicos —, produziu discursos que, por sua vez, marginalizavam segmentos inteiros da população brasileira. O objetivo é analisar a construção discursiva da figura do alcoólatra nos artigos de Kehl publicados no Boletim, identificando os mecanismos retóricos e biológicos que transformaram o alcoolismo em dispositivo de patologização das classes populares. A metodologia emprega a análise histórico-discursiva dos textos de Kehl no periódico, com atenção às estatísticas médicas e aos argumentos hereditários mobilizados. O referencial teórico articula a noção foucaultiana de biopolítica e os estudos de Erving Goffman sobre estigma. Os resultados indicam que Kehl, ao mesmo tempo que reivindicava para si o lugar de porta-voz de uma ciência universal, operou uma seleção rigorosa dos dados: associou o alcoolismo à intoxicação das células germinativas e à degeneração racial, mas direcionou sua condenação moral preferencialmente à cachaça e aos hábitos populares, poupando o vinho e o uísque das elites.

Palavras-chave: Renato Kehl; Eugenia; Alcoolismo; Boletim de Eugenia; História Intelectual.

[9] Mestrando, PPGHIS/Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). vasconcelos.arthur7@hotmail.com

Filologia, trabalho e raça:
a trajetória intelectual de Francellino de Andrade na Bahia republicana

Sthéfano dos Santos[10]

Na presente proposta de trabalho tenho como intenção analisar os vestígios da trajetória intelectual de Francellino de Andrade, professor, filólogo, articulista e representante do operariado na Bahia durante as primeiras décadas da Primeira República, buscando compreender como esse sujeito construiu autoridade pública em diferentes espaços letrados e o que sua atuação nos permite enxergar acerca dos limites impostas pela "cidade das letras". Tomo como principal fonte a obra A língua sem a grammatica: consultorio linguistico e matérias publicadas na imprensa baiana entre 1923 e 1924, que foram assinadas por Francellino. Nesses registros, os escritos gramaticais são compreendidos como intervenções no espaço público, por meio das quais Francellino afirmou sua autoridade intelectual, defendeu a instrução, valorizou o trabalho e enfrentou formas de inferiorização racial. Na análise acompanho a circulação desse intelectual entre o magistério, imprensa, filologia e o associativismo operário. Em 1923, ao responder publicamente a declarações que associavam as categorias "mulato" e "bahiano" a criminalidade, Francellino declarou-se "bahiano e mulato" e contestou essa classificação a partir do próprio domínio da linguagem. No ano seguinte, como representante do Centro Operário da Bahia, aproximou a docência do trabalho ao apresentar a profissão de professor como um operário responsável por "lavrar" a inteligência da criança. Esses rastros demonstram que a autoridade de Francellino se constituiu em instituições científicas, acadêmicas, escolas, jornais, associações e disputas públicas em torno da linguagem, instrução, trabalho e da cidadania. Utilizando a trajetória desse sujeito como lente de análise, pretendo problematizar uma compreensão da história dos intelectuais centrada sobretudo em autores consagrados e instituições de maior prestígio, observando, a partir do caso de Francellino, outras formas de construção e reconhecimento da autoridade intelectual em circuitos regionais, atravessadas pelas relações raciais e sociais do pós-abolição.

Palavras-chave: Francellino de Andrade; intelectualidade negra; pós-abolição; história dos intelectuais; raça.

[10] Doutorando, Universidade de Brasília (UnB). xrsthefano@hotmail.com

Arquitetar um Estado através de memórias:
os escritos políticos de Toussaint L'Ouverture e Boisrond-Tonnerre como narrativas que "serviram à história do Haiti" (1802-1804)

Erika Camila Pereira Nunes[11]

Conforme o poeta martinicano Aimé Césaire, o Haiti foi onde a negritude se levantou pela primeira vez e proclamou sua humanidade. Sua fala reflete a importância do evento fundador do país e um dos maiores acontecimentos políticos da modernidade: a revolução haitiana (1791-1803). Realizada por cerca de meio milhão de escravizados e seus descendentes na então mais próspera colônia das Américas, tal rebelião acabou tornando-se uma revolução que criou o primeiro Estado-nação independente (1804) e primeiro Império Negro da América Latina (1805). Os 13 anos revolucionários reivindicaram não apenas maior autonomia política e econômica da metrópole, mas o fim das desigualdades socioraciais, e da própria instituição Escravidão. Entretanto, o preço pago pelo "levante" foi caro, tanto enquanto ocorria, quanto após sua conclusão. É diante dos desafios da guerra e do pós independência, impostos pelos franceses como retaliação ao movimento, que as plumas do general François Dominique Toussaint L'Ouverture (1743-1803), e do ajudante militar e servidor do governo haitiano Louis Felix Boisrond-Tonnerre (1776-1806) foram mobilizadas entre 1802 e 1804 para justificar as ações revolucionárias do período da guerra de independência (1802-03) e assim registrar outras versões sobre a mesma para o Estado nascente. Somente publicadas na década de 1850 pelo historiador haitiano Joseph Saint-Rémy, as obras Memóires du Général Toussaint L´ouverture écrits par lui-meme pouvant servir a l´histoire de sa vie e Mémoire pour servir à l'histoire d'Haïti são relevantes para se compreender como essas narrativas são construídas balizando ideologicamente a experiência colonial e o racismo como motes. Enquanto as memórias políticas de Toussaint são escritas no cárcere, no qual foi condenado à prisão por liderar a resistência anti-francesa, com o objetivo de se autojustificar perante Napoleão Bonaparte, as de Boisrond-Tonnerre são feitas sob os auspícios do Estado Haitiano para narrar oficialmente seu nascimento e legitimá-lo. Logo, a comunicação objetiva, ao se debruçar sobre essas obras e autores, percebê-las como esforços intelectuais de "artesãos do Estado", consoante Monica Quijano. Argumentamos que elas contribuíram política e ideologicamente para arquitetar e conformar um Estado anti-colonial em bases racializadas. A pesquisa é fruto de reflexões iniciais para a elaboração de nossa dissertação e é desenvolvida numa intersecção entre história social, cultural, política e intelectual.

Palavras-chave: Intelectuais; Estado-nação; Revolução; Haiti; Memórias.

[11] Mestranda em História, Universidade Federal da Bahia (UFBA). erika.nunes@ufba.br

A anarquista Emma Goldman, uma intelectual marginal

Andrea da Conceição [12]

Esse trabalho decorre de uma investigação em andamento no Programa de Pós-Graduação em História da UERJ, nível doutorado, a qual se volta para a trajetória política e intelectual da anarquista Emma Goldman (1869-1940), notadamente entre 1917 e 1939. Na sua obra e na sua vida, Emma conferiu especial atenção não apenas a destituição das amarras que acorrentavam os indivíduos, mas sobretudo a construção da liberdade para alcançar a verdadeira libertação humana. Nesta comunicação, nos debruçaremos sobre a apresentação da construção da face intelectual da anarquista Emma Goldman por meio da sua critica a sua contemporaneidade e a ascenção de governos autoritários. Para tanto, consideraremos a anarquista Emma Goldman como uma intelectual marginal que desafia e ignora as autoridades centrais em busca da construção de uma nova moral responsavel por romper com as amarras impostas pelo capitalismo. Dito isso, observamos o comprometimento da anarquista com a causa revolucionária baseada na sua escrita autobiografica Vivendo a minha vida , publicada em dois volumes 1931 e 1934 responsavel por dotar de sentindo não apenas a identidade goldmaniana, mas sobretudo impor em sua escrita sua narrativa responsavel por evidenciar seu percurso revolucinário. Apresentando uma intelectualidade que não se alinha aos interesses dos pertencentes a classe dominante, uma vez que para a libertária o papel que deveria ser desempenhado pelos intelectualidades é da contrariedade e do estimulo a revolução, abraçando a causa dos menos favorecidos e publiscizando ideias que sejam geradoras de estimulos que busquem o rompimento. Para Goldman era imperativo a revolução, por isso se utilizou de suas memórias e de seus escritos como tensionadores sociais.

Palavras-chave: Intelectualidade feminina; Anarquismo; Revolução.

[12] Doutoranda, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). andreea.uerj@gmail.com

Nas entrelinhas da intelectualidade piauiense:
trajetórias, espaços intelectuais e produção escriturística no Piauí dos anos 1950

Kamila Vitória Santos e Silva [13]
Teresinha Queiroz [14]

Este estudo tem como objetivo analisar historicamente a atuação de intelectuais piauienses durante a década de 1950, observando, de forma central, o exercício desses sujeitos no universo da imprensa local desse período. Este recorte temporal se justifica por corresponder a um momento de intensas transformações no cenário político, econômico e cultural brasileiro, no qual também se inserem dinâmicas específicas da realidade piauiense, marcada por debates em torno do desenvolvimento, da identidade regional e da construção de uma memória histórica própria. De forma específica, propomos a investigação do fazer intelectual de Monsenhor Joaquim Chaves, Odilon Nunes e Raimundo Santana, com vistas para os textos escritos em canais impressos, como livros, jornais e revistas, sublinhando os aspectos comuns e divergentes entre esses três importantes nomes do cenário letrado piauiense da segunda metade do século XX. Esses intelectuais, além de produtores de conhecimento, atuaram como mediadores culturais, contribuindo para a valorização da história local, bem como para a consolidação de narrativas que buscavam conferir sentido ao passado e orientar a compreensão do presente. A análise busca compreender não apenas o conteúdo das produções desses autores, mas também as condições de produção, circulação e recepção de seus escritos, considerando a imprensa como um espaço privilegiado de sociabilidade intelectual e de disputa por legitimidade no campo cultural. Nesse sentido, interessa-nos perceber como esses sujeitos mobilizaram estratégias discursivas para afirmar suas interpretações sobre o passado piauiense, bem como de que maneira dialogaram com projetos mais amplos de construção da identidade regional e nacional. Para tanto, adotamos como fonte central os livros, periódicos e revistas publicadas nesse recorte, nos quais destacam-se trabalhos escritos desenvolvidos por essas figuras sobre a história do Piauí. Além disso, consideramos o papel das redes de sociabilidade intelectual e das instituições culturais na difusão dessas produções, atentando para os vínculos estabelecidos entre os autores e os espaços de circulação de suas ideias. A partir da análise dessas fontes, pretende-se evidenciar as relações entre intelectualidade, imprensa e produção historiográfica, destacando como esses elementos se articulam na construção de narrativas históricas sobre o Piauí.

Palavras-chave: História; Historiografia; Intelectuais; Imprensa; Piauí.

[13] Mestranda, PPGHB/Universidade Federal do Piauí (UFPI). kamilavsantos19@ufpi.edu.br

[14] Doutora, PPGHB/Universidade Federal do Piauí (UFPI). teresinhaqueiroz@bol.com.br

A luz da estatística:
pensando o Ensaio Demográfico de Jeronimo Martiniano Figueira de Mello para Pernambuco (1852)

Victor Hugo de Almeida França [15]

Partindo do conceito de Ilha de Letrados de José Murilo de Carvalho (1987), Jeronimo Martiniano Figueira de Mello foi um desses indivíduos que ocupou diversos cargos públicos em sua carreira. Talvez uma de suas maiores atuações e um dos pontos de inflexão de sua vida foi o período em que esteve no cargo de Secretário Provincial de Francisco do Rego Barros, ao ponto que fora contratado para produzir uma estatística civil e política para Pernambuco em 1841, esta estando circunscrita dentro do Projeto de Reorganização e Futuro (Marson, 1986). O ponto que buscamos explorar é: se um Estado Nacional em plena formação requeria funcionários e corpo político, ele deveria também montar sua estrutura administrativa e burocrática, incluindo a conformação de estatísticas populacionais, que denominamos na dissertação de mestrado de política de legibilidade estatística , inspirado no conceito de legibilidade mobilizado por James Scott (1999). Apesar deste ser o único levantamento populacional consolidado disponível para a província de Pernambuco anterior ao Recenseamento de 1872 a obra teve um conturbado processo de produção e publicação e fora por muito tempo relegada ao esquecimento, somente voltando a circulação em 1979, quando a obra foi reeditada pelo Conselho Estadual de Cultura de Pernambuco. O Ensaio Sobre a Estatística Civil e Política da Província de Pernambuco, datado de 1852, ano que Figueira de Mello entregou os manuscristos à Tipografia do Diário de Pernambuco, teve por objetivo descrever variados aspectos topográficos, geográficos, políticos e sociais e, por fim, organizar dados e produzir mapas populacionais, descrevendo diversos aspectos como a distribuição da população pelo território, indicando idades, cores, condição jurídica, sexo, assim como publicar dados referentes ao fluxo populacional , os quais compreendem os nascimentos-batismos, óbitos e migrações, fatores que alteraram diretamente o tamanho da população. Este trabalho e seu complexo processo de publicação é resultado de dinâmicas e linguagens políticas do século XIX, e reflete as intenções das elites imperiais e pernambucanas para a consolidação de dados sobre a população, o território e a economia, ao ponto de as estatísticas serem consideradas ferramentas imprescindíveis à administração pública oitocentistas (França, 2025).

Palavras-chave: Pernambuco; Estatística; Figueira de Mello; Império Brasileiro.

[15] Doutorando em História, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). v245515@dac.unicamp.br

Representar para conter:
viajantes e a produção de saberes sobre a população negra no Brasil oitocentista

Yago Santos Valete[16]

O presente trabalho analisa as representações da população negra elaboradas por viajantes estrangeiros que percorreram o Brasil durante o século XIX, buscando compreender como tais narrativas contribuíram para a produção e circulação de saberes sobre a sociedade brasileira. Inseridos em um contexto marcado pela expansão das ciências, pelo fortalecimento de teorias raciais e pela consolidação de projetos civilizatórios, esses viajantes produziram relatos que ultrapassavam a simples descrição da realidade observada, constituindo interpretações sobre o território, a população e os costumes locais. Dessa forma, seus escritos e imagens participaram ativamente da construção de conhecimentos acerca do Brasil, influenciando percepções que circularam tanto no país quanto no exterior. A pesquisa fundamenta-se na análise de relatos de viagem e representações iconográficas produzidas ao longo do Oitocentos, com especial atenção às formas pelas quais homens e mulheres negros foram descritos e visualmente representados. Parte-se do pressuposto de que tais fontes não constituem registros neutros, mas documentos atravessados por valores, interesses e concepções próprias de seu tempo. Nesse sentido, busca-se identificar os mecanismos discursivos empregados na caracterização da população negra, observando como práticas de observação, classificação e hierarquização foram mobilizadas na elaboração dessas narrativas. Dialogando com os campos da História Intelectual, da História Cultural e dos estudos sobre representação, argumenta-se que os viajantes atuaram como agentes produtores e difusores de saberes, contribuindo para a consolidação de imagens e interpretações acerca da população negra que dialogavam com debates científicos, políticos e sociais do século XIX. Ao refletir sobre a relação entre representação, conhecimento e poder, o trabalho procura evidenciar como esses discursos participaram da construção de determinadas visões sobre os sujeitos negros no Brasil oitocentista. Assim, pretende-se contribuir para as discussões acerca dos processos de produção de saberes e dos limites das narrativas que historicamente representaram grupos marginalizados.

Palavras-chave: Relatos de viagem; População negra; História Intelectual.

[16] Mestrando, PPGH/Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). ysvalete.ppgh@uesc.br

II ENEHISP

PPGH Unimontes
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

LAPPS ufjf
LABORATÓRIO DE HISTÓRIA POLÍTICA E SOCIAL



Grupo de
Estudos e Pesquisa do
Pensamento Autoritário